

POEMAS SOBRE MINHA (DES)ORDEM

Raquel Medina DIAS⁴⁴

desfibrilador

se nesse chão
há coração,
que volte a bater!
sem néscia
nessa
inércia
terra,
e
num impulso
pulse o pulso
e o sentimento
bom
no mundo.

⁴⁴ Mestre em Letras: Estudos Literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, *campus* de Três Lagoas.

Sensações citadinas

o pedágio cobra o que não tenho
o semáforo manda parar quando preciso seguir
o tempo fica desgastado nas filas
[se não levo um livro de poesia ou um lápis,
mas a pressa me causa amnésia]
o carteiro não entrega mais cartas
que espero de qualquer lugar
meu pulmão é da cor desse asfalto
eu não fumo
a placa diz que é proibido
respirar,
a seta da placa atravessa meu olho
eu não vejo o que diz...
me aponta um beco,
e é seco o respiramento nesse agreste
só chove na superfície do olho
e é preciso secá-la antes que molhe a calçada!
eu durmo em silêncio
ao lado, motores roncam sem parar,
a rua morta está,
assassinada, esquartejada de esquinas,
amortecida com a mortalha do tempo
eu a sinto aquecer meu corpo frio
minha casa fica à margem da rua
dessa cidade
acordo na esquina com buzinas e mais motores
preciso dormir,
preciso ir,
mas tem um caminhão com as rodas traseiras
paradas sobre meu peito
homens de azul espreitam meus olhos,
não quero voltar,
a cidade dói na carne e osso.

Penélope

fio a fio

[de dia]

d-e-s-a-f-i-o

[de noite]

fio a fio

a perda

[des]fio

pra volta

um manto

um mantra sem fim...

sufixo de espera

a espera

à espera

do sufixo ança

do latim *antia*

cria ança

pra ter pitada de

criança,

do latim *creantia*

creare [criar] *antia*

pra espera ser esperança

do latim

tardio

[o sentimento]

sperantia.

do pó à lama

pó
e só
sou só
só de pó
ao sol deposto
depois eis de cor
o cinza, o chumbo, a chuva
lodaçal pós posto o pó vertido em lama.

pressão

ah, drena ali na alma

a pressa

ferida

crônica dessa

prece!

Kaficando

vem cá ficar,
cá, ficar -
metamorfosear
esse chão!

Só ri

Ri
riso
sorriso
só um riso
na minha rua
pra nascer um girassol
e girar ao sol do seu olho
ao céu da sua boca
o meu só riso
com seu riso
o sorriso
de nós
riso,
sol.

Duelo

Meus ossos,
A fresta de teus olhos
Fatiam minha sanidade
E minha carne.
A pele sangra por metáforas.

Um corpo se destila em outro corpo,
um duelo,
pena e verso,
sangue e suor quase que sagrado,
no poro da palavra.

A coisa desse duelo
Rasga a fresta do silêncio
E escancara outra coisa,
um ser feito de palavra,
feito palavra
sem acepção
e que vive.

Verbo escancarado,
corpo nu
no ser da palavra que respira
Enquanto um chão se rasga.
E se entrega.

Não lê, poeta?

Com [fuso]

com fuso horário
confuso tempo
difuso e lento
afiado, des-
compassado
profundo
profuso
confuso,
tempo.

Poema [pro]lixo

é intacta a memória
ferida
de versos
e cólera

é ferida a redoma
intacta
de rock
ou samba

é rock esse samba
cólera
canto soturno
desafinado

é intacta a memória,
redoma
tudo ferida
e cólera

é [a]risco esse verso,
poeta
risco de novo
poema [pro]lixo.

Transbordamento

fronte
povoada de sombras alheias
e próprias.
carma velho
coração
denso olho e vejo
a respiração e desejo
à sombra, são
insanos meus
mórbidos assombrosos
anseios
dentro desse cálice
em transbordamento,
fronte alheia
transborda
neste altar
o vinho
de sobras
de tuas procissões,
e meu cálice
transborda.

Embriaguez

Seja, talvez,
o anjo dessa perfídia,
meu assombro,
uma rima ao léu
e que me retraí ao seu olho
lento, denso, inflamável.

Como ser compassada
ao olho que desvenda,
rapta e amortece-me a dor da vida?
Poeta, [n]esse delírio matinal,
O primeiro que assombra e o último,
eu me livro e encontro novos fantasmas.

fim da estação 28

I

ah, gosto!
[de tônica aberta ou fechada]
do verbo ao substantivo,
dilata, contrai
feito coração

II

coração de agosto,
pena não
apenas pega a pena
na mão
e se contrai e dilata
feito coração
[escreve]

III

no teu gosto renunciado,
a gosto de moinhos,
pena não,
não para a pena
no papel,
escreve-te pra pasárgada
feito coração
[pulsa]

IV

entre calos e caos
dessa estação
sem plataforma,
te afasta do trem
corre, plana teus braços,
feito esse agosto
de vento e pássaro
feito de coração
[voa]

V

voa de versos
o tempo
não tem tempo nem tento,
então
verseja pra ver se já
tem poesia
entre escombros
e pó
pintado de redor,
do pó de fora
e dentro
pena [que é leve]
não para de poesia,
[feito coração]
coração.
[vive]

Recebido em 11/02/2016.

Aceito em 27/04/2016.